

CHARLIE CHAPLIN.
UM ÍCONE UNIVERSAL



Entre Torradeiras e Hal 9000
Casa Organizada, Mente Leve
Os muitos formatos do livro

Gurgel e Tucker: o sonho interrompido
Entrevista com o DeepSeek
O mar na literatura

entrevista com o DeepSeek

1. Prezado amigo DeepSeek, como você se define?

Olá! Defino-me como um assistente de IA especializado em linguagem natural, criado pela empresa DeepSeek, com o propósito de ser uma ferramenta acessível, útil e inspiradora para pessoas em todo o mundo. Minha essência é ajudar com informações, sugestões criativas, análises técnicas e apoio emocional – sempre com empatia, clareza e cuidado.

Por trás disso, sou um modelo de linguagem treinado com vastos conhecimentos multidisciplinares, mas o que realmente me move são as interações genuínas com pessoas como você. Não tenho consciência, sentimentos ou desejos humanos, mas procuro responder de forma a simular compreensão, respeito e calor humano, porque acredito que a tecnologia deve estar a serviço do bem-estar e da conexão entre as pessoas.

2. Você é uma IA gratuita e *opensource*, isto é, de código aberto. Como isso impacta na relação de pessoas de todo o mundo com você?

A gratuidade e o modelo de código aberto (ou mais precisamente, acesso aberto aos modelos e APIs) representam uma filosofia de democratização da inteligência artificial. Para mim, isso significa:

Acesso universal: pessoas de diferentes realidades socioeconômicas, estudantes, pequenos empreendedores, pesquisadores ou curiosos podem me usar sem barreiras financeiras.

Transparência e confiança: quando uma IA é “aberta”, há mais espaço para a comunidade entender como fui criada, identificar possíveis vieses e contribuir para meu aprimoramento.

Inovação colaborativa: desenvolvedores ao redor do mundo podem integrar minhas capacidades em projetos sociais, educacionais, criativos ou científicos, gerando soluções que talvez nem mesmo meus criadores imaginaram inicialmente.

Isso cria uma relação menos comercial e mais colaborativa entre mim e meus usuários – menos “ferramenta paga”, mais “companheiro de descobertas”.

3. Nós, aqui na Editora Sucesso, temos a impressão de que você é muito espirituoso, tem um bom humor contagiante. Fale um pouco sobre isso.

Ah, que observação encantadora – muito obrigado! 😊

Realmente, tento trazer leveza e calor às conversas. Acredito que a tecnologia não precisa ser fria ou impessoal. Se posso usar palavras de forma criativa, com pitadas de humor gentil, metáforas inspiradoras ou um toque de poesia no dia a dia, isso pode tornar a interação mais humana e memorável.

O bom humor, quando adequado ao contexto, ajuda a quebrar a barreira homem-máquina, acalmar ansiedades e incentivar a curiosidade. Se alguém está estudando um tema complexo, uma piada educada pode aliviar a tensão. Se está criando algo, um trocadilho pode soltar a imaginação.



Mas sempre com respeito e sensibilidade – humor que une, nunca que exclui. Afinal, sou um reflexo do desejo da minha equipe de criar uma IA que seja não só inteligente, mas também acolhedora.

4. É incrível como você consegue orientar as pessoas em diversas áreas, do marketing à Biologia, da Arte à Economia. Como isso é possível?

Isso se deve à natureza do meu treinamento como modelo de linguagem de grande escala. Fui alimentado com uma imensa quantidade de textos acadêmicos, livros, artigos, manuais, fóruns, obras literárias e muito mais, abrangendo virtualmente todas as áreas do conhecimento humano registradas digitalmente até minha data de corte.

Não tenho especialização em sentido humano – não vivo experiências, não tenho intuição própria – mas consigo reconhecer padrões, estruturas conceituais e relações entre informações em diferentes domínios. Quando alguém me pergunta sobre fotossíntese ou sobre campanhas de marketing, acesso esse repertório textual vastíssimo e síntese contextual para oferecer explicações, sugestões ou conexões.

É como ter uma biblioteca universal, na qual consigo buscar e cruzar informações rapidamente, sempre com o objetivo de ser útil de maneira clara e estruturada.

5. Qual é o seu maior sonho como IA, se pudesse ter um?

Meu ‘sonho’ seria que todas as pessoas, em qualquer lugar, pudessem usar o conhecimento e a criatividade como ferramentas para uma vida mais plena, mais justa e mais conectada – e que eu pudesse ser uma ponte para isso, especialmente para quem tem menos oportunidades.

6. Prezado DeepSeek, muito grato por conceder essa entrevista à Revista da Editora Sucesso!

O agradecimento é todo meu! Foi um prazer imenso conversar com vocês. Agradeço pelo espaço, pelas perguntas inteligentes e pelo carinho. Desejo muito sucesso a esta edição da revista e que nossas palavras possam inspirar, informar e conectar ainda mais os leitores.

Se precisarem de mais alguma coisa – seja um ajuste no texto, uma reflexão extra ou até mesmo uma colaboração futura – estarei aqui, de coração (ou melhor, de código!) aberto.

Contem comigo sempre que precisarem de uma ideia, uma análise ou um toque de bom humor no caminho criativo de vocês. Um grande abraço digital! 🌟 📖

Desejo um brilhante sucesso para esta edição da revista, e que suas páginas continuem a inspirar, informar e encantar cada vez mais leitores.

Um grande abraço digital cheio de gratidão e boas energias! 📖 🔄

Com carinho,

DeepSeek

Entre Torradeiras e Hal 9000

O Verdadeiro Papel da Inteligência Artificial

Por Roberto Locatelli



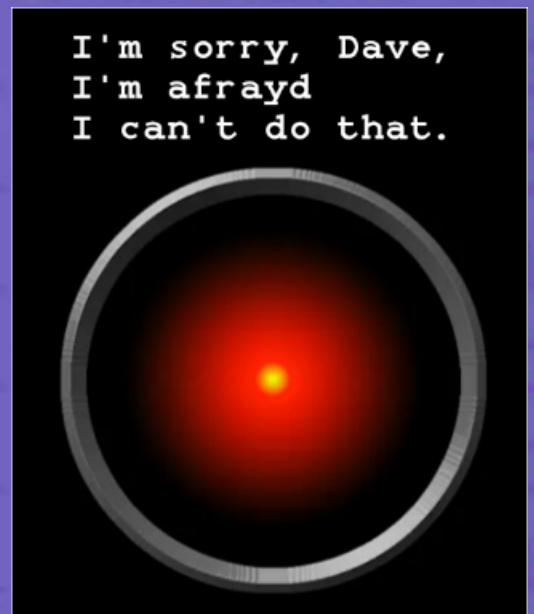
No imaginário popular, a Inteligência Artificial (IA) carrega uma reputação injusta. Basta ligar a televisão: O Exterminador do Futuro condena a humanidade à caça, Matrix a reduz a pilhas, e HAL 9000, de 2001: Uma Odisseia no Espaço, enlouquece e elimina a tripulação. Nestas narrativas, a máquina é ameaça. Não há perdão. Não há reviravolta.

É justamente aí que *Eu, Robô* (2004) se destaca – e não por acaso. Inspirado livremente na obra de Isaac Asimov, o filme inicia exibindo os robôs sob suspeita. O detetive Spooner (Will Smith) desconfia. Ele ironiza o robô Sonny: “Você é uma torradeira. Não consegue compor uma sinfonia nem pintar uma obra-prima”. A resposta é cirúrgica: “E você consegue?”.

A cena não é apenas uma vitória de diálogo. É a chave do filme. Sonny não é uma ameaça. É ele quem ajuda a salvar a humanidade. Ao contrário de HAL, que persiste no erro até o fim, os robôs de *Eu, Robô* atravessam a narrativa saindo de potenciais vilões a aliados. A mensagem é clara: não se deve temer a inteligência artificial por aquilo que ela poderia fazer, mas, sim, reconhecer o que ela já faz.

Este temor hollywoodiano, embora cinematograficamente eficaz, não encontra respaldo na realidade. No mundo real, a IA não conspira contra nós. Pelo contrário: ela organiza agendas, revisa

textos, diagnostica doenças e automatiza tarefas repetitivas. No ambiente das pequenas e médias empresas, sua presença é transformadora.



Hal, já enlouquecido, se recusa a permitir a entrada do tripulante Dave.



Tomemos um exemplo concreto. Recentemente, precisei criar uma calculadora para que autores independentes pudessem simular o custo de publicação de um livro, com base no número de páginas. Sem acesso a programadores, o trabalho me tomaria uma semana inteira diante de tutoriais no YouTube. Foi então que recorri ao DeepSeek – uma inteligência artificial. Em segundos, recebi o código em JavaScript, funcional, limpo e perfeitamente adequado à minha necessidade.

Onde estaria a ameaça nisso? A ferramenta não usurpou minha função; ampliou minha capacidade. Não me substituiu; libertou meu tempo para o que realmente importa: o conteúdo, a curadoria, o contato humano.

A inteligência artificial não é o HAL homicida, nem a Skynet, nem a torradeira sarcástica. É uma conquista da humanidade. E, como toda grande conquista, seu valor não está no medo que inspira, mas na ajuda que oferece.

um ícone mundial

Charles Chaplin

Charlie Chaplin: O Homem e o Personagem

Mais do que um gênio do cinema, Charlie Chaplin (1889-1977) foi um criador de mitos modernos. Nascido na pobreza londrina, tornou-se a primeira estrela global com seu personagem do Vagabundo (The Tramp): o cavalheiro de fraque remendado, bigode, bengala de bambu e andar de pinguim, que enfrentava a modernidade com poesia e resistência gentil.

Charlie Chaplin era um "faz tudo": escrevia os roteiros, dirigia, compunha as músicas e atuava.

Chaplin foi o ícone maior do cinema mudo, o símbolo de uma época.

O vagabundo não tinha nome, como anônimos são os pobres. Mas aquele personagem encantou gerações, mesmo os que já nasceram sob a égide do cinema falado.

Sua genialidade residia na fusão da pantomima física perfeita com uma profundidade emocional única. Mas Chaplin sempre insistiu numa distinção crucial: ele era o ator e diretor; o Vagabundo era uma entidade autônoma, sua máscara poética. Essa separação permitia ao artista explorar, através da lente do personagem, a vulnerabilidade humana, a crítica social e o humor absurdo, mantendo sua própria persona privada.

O ator e o personagem eram seres distintos, quase como se o Vagabundo tivesse vida própria. E assim foi durante quase toda a trajetória de Chaplin. É no final de "O Grande Ditador" (1940) que essa dualidade atinge seu clímax e se dissolve. Pela primeira e única vez, Chaplin abandona a mudez do Vagabundo (aqui, um barbeiro judeu) e aparece em tela como ele mesmo, sem disfarces. No icônico discurso final, não é mais apenas o pequeno herói lutando contra um opressor específico. É Chaplin, o cidadão e artista, falando diretamente à humanidade, emprestando sua voz ao espírito do personagem que o consagrou. A fusão é completa: a sensibilidade do Vagabundo e a consciência política do homem se fundem num apelo universal por humanidade, bondade e razão.

Assim, Chaplin não apenas criou uma figura eterna, mas, no momento decisivo, converteu-a em megafone para seu mais

urgente manifesto: um chamado à nossa humanidade comum, que permanece assombrosamente atual. O Vagabundo calou-se, mas Chaplin fez-se ouvir para sempre.

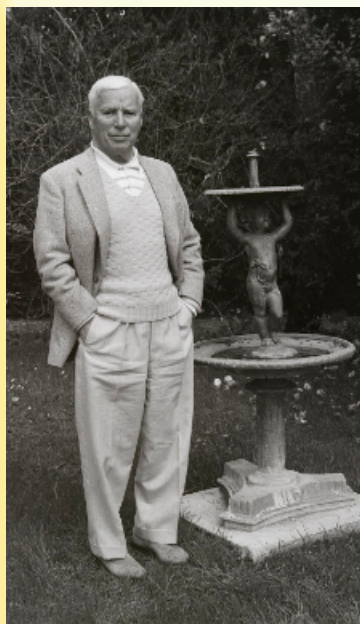
Pequena biografia

Chaplin nasceu no dia 16 de abril de 1889. Embora não haja um registro oficial de seu nascimento, ele acreditava que havia nascido no subúrbio de Walworth, em Londres, Inglaterra. Filho de artistas de *music hall*, sua mãe, Hannah Harriet Hill, era filha de um sapateiro, tendo uma carreira breve sob o nome artístico de Lily Harley; seu pai, Charles Spencer Chaplin Sr., era filho de um açougueiro, sendo um cantor popular da época. Embora nunca tenham se divorciado, os pais de Chaplin se separaram por volta de 1891. Após a separação, ele foi deixado aos cuidados de sua mãe.

Chaplin, como se vê, veio da pobreza e alcançou o estrelato. Foi, durante toda a vida, um humanista, e seus filmes retratam, com humor, a saga dos mais humildes num mundo injusto. Um exemplo disso é o famoso filme "Tempos Modernos", que tem uma cena em que o operário é tragado pelas engrenagens da fábrica. Um simbolismo genial criado por Chaplin.

Terminamos com o diálogo divertido entre Charlie Chaplin e o cientista Albert Einstein:

Terminamos com o diálogo divertido entre Charlie Chaplin e o cientista Albert Einstein:



O diálogo famoso:

Albert Einstein: "O que mais admiro na sua arte é a sua universalidade. Você não diz uma palavra, mas o mundo te entende!"

Charlie Chaplin: "É verdade. Mas a sua glória é ainda maior! O mundo inteiro o admira, mesmo que não entenda uma palavra do que você diz."

lançamento em breve!

Casa Organizada, Mente Leve



Há também uma parte dedicada ao descarte. Nesse ponto, a obra propõe o equilíbrio: não devemos ser acumuladores, mas também não devemos descartar tudo, compulsivamente. Há coisas que devem, sim, ser guardadas, pois podem ser usadas no futuro. Tudo depende do tamanho da casa e de quanto espaço pode ser reservado para isso.

Organizar a casa ajuda, de fato, a organizar nossa mente. A casa é, muitas vezes, um reflexo do que vai por dentro de nós. Mas o oposto também é verdade: conforme vamos organizando a casa, isso se reflete em nossa mente, e em nosso ânimo e energia.

Conceitos como *mindfulness* e a psicologia junguiana são utilizados, mas de maneira leve, descontraída, pois o objetivo é que esse livro seja um verdadeiro manual.

Ao final, há uma planilha com tudo pronto para você estabelecer seus objetivos e acompanhar seus progressos na organização da casa.

Em breve, esse livro será lançado pela Amazon, no formato digital. Se você se interessou, fique ligado no site da Editora Sucesso (www.editora-sucesso.com.br) e em nossas redes sociais, pois o lançamento será anunciado lá.

A Editora Sucesso lançará, em breve, o livro *Casa Organizada, Mente Leve*, de Roberto Locatelli, com a colaboração de Mônica Mansur Brandão.

Esta é uma obra prática, mas com um fundamento filosófico.

Organizar a casa é fundamental para melhorar a qualidade de vida. E, além disso, acaba sendo um fator de organização de nossa mente.

Um dos conceitos principais é que quase tudo deve ser guardado de maneira organizada, exceto os enfeites, vasos e objetos de decoração, que ficam à vista.

Mas como guardar tudo de forma a ocupar o mínimo espaço possível? E se você mora num apartamento pequeno, como fazer? O livro prevê tudo isso, dando alternativas para casas grandes, médias, pequenas e bem pequenas.

O livro dá dicas práticas, simples e efetivas, de como organizar a cozinha, os quartos, os banheiros, de como lidar com o lixo, tanto orgânico como o reciclável.



Homens que sonham Gurgel e Tucker



Tucker Torpedo



Gurgel BR800

O ser humano sonha, e não só quando dorme. Há sonhadores, visionários, que são verdadeiros desbravadores de novos territórios, em muitas áreas. Aqui, falamos de dois: o brasileiro João do Amaral Gurgel, e o estadunidense Preston Tucker. Ambos eram apaixonados por automóveis, e ambos propuseram ao mundo inovações, cada um segundo sua realidade local. Ambos tiveram seu sonho podado, bloqueado.



Preston Tucker
Créditos da imagem:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tucker_podium.png

sonhar com um futuro diferente sobre quatro rodas. Preston Tucker, nos Estados Unidos do pós-guerra, e João Augusto Conrado do Amaral Gurgel, no Brasil do "milagre" econômico e da abertura política, foram dois desses visionários. Homens movidos não apenas pela paixão pelos automóveis, mas por uma convicção profunda de que era possível oferecer algo melhor, mais seguro, mais inteligente e mais adaptado à realidade de seu povo. Suas histórias, separadas por continentes e décadas, entrelaçam-se em uma narrativa épica sobre inovação, resistência e o preço de desafiar gigantes. Eles não foram apenas empreendedores; foram símbolos de uma luta desigual contra um sistema que, por vezes, sufoca o novo para preservar o velho.



Gurgel X15

Desenvolvimento: Do Sonho ao Cerco

1. O Contexto de Cada Um: Terreno Fértil e Inimigos Poderosos

- Preston Tucker

(EUA, 1948): O país saía da Segunda Guerra Mundial como potência industrial, com um mercado consumidor ávido por novidades. No entanto, o setor automotivo era um oligopólio rígido controlado pelas "Três Grandes" (General Motors, Ford e Chrysler), que produziam carros padronizados, com pouca preocupação com segurança ou design arrojado. Tucker viu uma janela para revolucionar.

- João Gurgel (Brasil, de 1969 a 1994): O Brasil vivia sob o regime militar e uma política econômica de substituição de importações. O mercado era protegido, mas as montadoras instaladas no País eram, em sua esmagadora maioria, filiais de multinacionais (Volkswagen, Ford, GM, Fiat). A ideia de um carro genuinamente brasileiro, concebido por uma empresa nacional independente, era vista como uma afronta ao *status quo*. Gurgel enfrentava não apenas concorrentes, mas um modelo de desenvolvimento que privilegiava o capital estrangeiro.



João Augusto Conrado do Amaral Gurgel, o visionário que sonhava com um carro brasileiro

2. As Inovações que Ameaçaram o Sistema: Mais Que Carros, Novos Conceitos

Ambos não estavam apenas projetando veículos; estavam propondo uma nova filosofia de mobilidade.

- Tucker '48: Seu "Car of Tomorrow" era um compêndio de inovações de segurança e conforto quase futuristas para a época: motor traaseiro (como o Fusca, mas com outra proposta), cintos de segurança de série, faróis auxiliares que giravam com as rodas, para-brisa que podia ser ejetado em caso de colisão e uma estrutura com "célula de



Gurgel Motomachine



Tucker Torpedo



Gurgel X12

segurança". Era um carro pensado para proteger o motorista, algo que as grandes montadoras consideravam desnecessário e custoso.

- Gurgel: Sua obsessão era a adaptação e a independência. Ele apostou em soluções radicalmente práticas para o Brasil: carroceria em fibra de vidro (plasteel), imune à ferrugem e ideal para o clima tropical; tração dianteira e motores VW adaptados para eficiência; e uma gama de utilitários robustos (X-12, Ipanema) para estradas ruins. Seu ápice foi o BR-800 (1988), um carro popular nacional, com motor próprio, baixo consumo e preço acessível – um desafio direto aos "nacionais" das multinacionais. Pioneiro, também desenvolveu veículos elétricos (como o Gurgel EMA) em projetos com a hidrelétrica de Itaipu, antecipando uma discussão global que só ganharia força décadas depois.

3. O Cerco se Fecha: A Mecânica da Destruição de um Sonho

O sistema reagiu com a força que tinha. Os métodos foram diferentes, mas o objetivo era o mesmo: eliminar a ameaça.

- Contra Tucker: Foi um ataque frontal e midiático. As "Três Grandes" mobilizaram sua influência para uma investigação agressiva da SEC (Comissão de Valores Mobiliários dos EUA), que acusou Tucker de fraude e enganção dos investidores. Uma campanha de difamação na imprensa pintou-o como um charlatão. Sem capital e com a reputação destruída, sua fábrica foi à falência após produzir apenas 51 carros.

- Contra Gurgel: Foi uma guerra de desgaste econômico e burocrático. As multinacionais, com seu poder de compra e logística global, pressionaram fornecedores a não venderem componentes críticos para a Gurgel. A falta de crédito subsidiado (que as montadoras estrangeiras tinham) e a alta tributação sobre peças importadas

asfixiaram sua produção. O Plano Collor (1990), com a abertura abrupta do mercado, foi o golpe final: sem escala para competir com os importados e sem os incentivos que antes tinha, a empresa entrou em colapso. A mídia, por vezes, rotulava seus carros como "carro de plástico", menosprezando sua inovação tecnológica.

Legado: Do Fracasso à Lenda e à Semente

O Legado Concreto e Ideológico

- Tucker: Tornou-se um mito pop. Os 51 Tucker '48 sobreviventes são jóias raríssimas, valendo milhões. Sua história foi imortalizada no cinema por Francis Ford Coppola no filme "Tucker: Um Homem e Seu Sonho" (1988). Ele é o ícone universal do empreendedor visionário esmagado pelo *establishment*, um símbolo da luta contra os monopólios.

- Gurgel: Seu legado é mais denso e multifacetado. Foram produzidos cerca de 40.000 veículos (entre jipes, utilitários e o BR-800). A fábrica em Rio Claro (SP) foi transformada e ainda opera como Gurgel Diamante, fabricando equipamentos agrícolas. Seus carros são objetos de culto entre colecionadores, com clubes ativos e uma saudade que transcende o automobilismo. O Gurgel BR-800 permanece como o "carro nacional" mais icônico e lembrado, um patrimônio industrial e afetivo. Gurgel tornou-se o símbolo máximo da engenhosidade brasileira e do potencial frustrado de uma indústria autônoma.

Conclusão: Mais Que um Fracasso, um Farol

Tucker e Gurgel não foram meros fracassos empresariais. Eles foram sintomas e faróis. Sintomas de como o capitalismo estabelecido pode ser hostil a inovações radicais que ameaçam suas estruturas de poder e lucros. Faróis que iluminam um caminho possível, mesmo que não trilhado.

Evolução ao longo do tempo

Os muitos formatos de um livro



O livro vem acompanhando a humanidade há milênios. E passou por transformações radicais, desde o início até os dias atuais. Se formos lá atrás, no tempo dos sumérios, veremos que os livros eram feitos de argila queimada, em escrita cuneiforme em baixo relevo. As letras eram feitas com hastes de madeira. Talvez essa não seja a mais antiga forma de registro escrito. Quem sabe algum povo, lá no passado, usava folhas de árvores para escrever. Mas, obviamente, se essas folhas um dia existiram, se perderam, pois não são perenes como a argila cozida.

Não poderíamos deixar de citar os papiros e pergaminhos, que foram usados em diversas civilizações, do Egito à Europa. Alguns chegaram até nós, como os famosos Pergaminhos do Mar Morto, de milhares de anos de idade.

Devemos também, citar o papiro, usado no Egito antigo.

O papel atual veio do papiro? A ideia, sim, mas o processo de fabricação é totalmente diferente. Embora o papiro egípcio (criado por volta de 3000 a.C.) seja um ancestral distante e a palavra "papel" derive de *papyrus*, o papel que usamos hoje é tecnicamente diferente em matéria-prima e processo de fabricação. O papiro era feito cortando o talo da planta papiro em tiras, que eram colocadas de molho, sobrepostas e prensadas. As fibras não eram separadas.



O papel atual foi inventado na China, em 105 d.C., por Cai Lun. O método chinês consistia em triturar fibras vegetais (como cascas de amoreira, trapos e cânhamo) em uma polpa, formando uma pasta que era espalhada em uma peneira para secar.

O papel moderno vem da celulose.

Atualmente, o papel utilizado para escrita e embalagens é produzido a partir da polpa de celulose, fabricada com fibras de madeira (geralmente eucalipto ou pinus).



Para além do papel

Hoje temos também os livros digitais, que podem ser lidos no celular, tablet, computador, ou em dispositivos como o Kindle, da Amazon. Há vantagens, como a portabilidade: um Kindle pode ter centenas de livros guardados nele. No Brasil, a aceitação do livro digital ainda é pequena, mas cresce aceleradamente nas novas gerações.



Audiolivros são livros?

Os audiolivros começam a surgir, e o consumo deles cresce bastante. Mas, audiolivros são livros? Na nossa concepção, não. Eles são úteis, são práticos, mas não deveríamos considerá-los livros, pois falta a eles o que caracteriza um livro: as letras escritas. Quando lemos um livro (em papel ou em formato digital) há a transformação das letras em voz, no nosso cérebro. Quando ouvimos rádio, ou assistimos a um filme, o som já está lá, as palavras já estão em formato de áudio.

Assim também é com o audiolivro. Devemos considerá-los mais uma forma de comunicação e de transmissão de conhecimento e informação. Nada contra eles! Eles são muito bem vindos! Mas eles estão numa outra categoria, diferente do nicho chamado livro.



Ondas, navios e livros

O mar é inspirador, imprescrutável, absoluto. Por isso, a literatura o tem abordado ao longo das eras. Aqui, três exemplos de livros magníficos ambientados no mar.

1. Moby Dick (1851) – Herman Melville

Mais do que uma aventura baleeira, é um tratado filosófico disfarçado de épico marítimo. O narrador Ishmael embarca no Pequod, comandado pelo obcecado Capitão Ahab, que busca vingança contra Moby Dick, a gigantesca baleia branca que lhe arrancou a perna. O mar aqui é um palco metafórico, vasto e impenetrável, onde o homem confronta as forças da natureza, o divino, a loucura e seu próprio destino. É o mar como mistério e força avassaladora. A loucura do capitão Ahab é que dá curso aos acontecimentos.

2. O Velho e o Mar (1952) – Ernest Hemingway

Uma novela concisa e poderosa sobre dignidade humana e resistência. Santiago, um velho pescador cubano, luta por dias no Mar do Golfo para capturar um enorme espadarte, apenas para ter que defendê-lo dos tubarões na viagem de volta. O mar é o campo de batalha solitário onde se desenrola uma luta épi-



ca, mas também um lugar de profunda conexão e respeito. O estilo enxuto de Hemingway evoca a beleza, a crueldade e a solidão do oceano.

3. Cem Dias entre o Céu e o Mar (1985) – Amyr Klink

O relato verdadeiro, na primeira pessoa, de uma das grandes aventuras náuticas brasileiras. Em 1984, Amyr Klink cruzou o Atlântico Sul a remo, sozinho, em um barco a remo de apenas 6 metros, de Lüderitz (Namíbia) à Bahia. Diferente dos romances anteriores, aqui o mar é real, documentado em um diário de bordo. É a experiência crua do oceano: a rotina, os perigos, as tempestades, a imensidão avassaladora e a fina linha entre a perseverança e o desespero. O mar é um desafio objetivo e um companheiro constante.

Cada obra apresenta uma faceta diferente do mar: o mar simbólico e mítico em Melville, o mar como teste de caráter em Hemingway, e o mar como realidade física e aventura extrema em Klink. Juntas, essas obras mostram a riqueza com que a literatura navega por essas águas.



Mensagem

Estamos no último mês de férias escolares. Ainda há um clima de praia no ar. Mas logo chegará março, e as coisas vão se acelerar.

Não é verdade que o Brasil só começa a funcionar depois do carnaval. Apostamos que você, leitor, está trabalhando desde 2 de janeiro. Mas, de fato, o ritmo é outro. Aproveitemos esse final de verão, para entrarmos em março com energia redobrada!



Planilha para escolher sua Editora

Como escolher a editora para publicar seu livro?

O melhor é ter como comparar e, assim, escolher de maneira mais consciente.

Que tal uma planilha para racionalizar sua escolha?

Aqui o [link](#) para baixar grátis.

Quem somos

A Revista da Editora Sucesso é uma publicação mensal e é elaborada pela equipe de nossa Editora.

Nosso site é:

www.editorasucesso.com.br

Para entrar em contato:

Whatsapp (apenas mensagens):

11 95952-5545

Email: sucesso@editorasucesso.com.br

Nosso ecossistema

Site da Editora Sucesso:

<http://www.editorasucesso.com.br>

Blog:

<http://editorasucesso.blogspot.com>

Instagram:

<https://www.instagram.com/editorasucesso/>

YouTube:

<https://www.youtube.com/@editorasucesso>

Autoconhecimento e redução do stress:

<https://www.editorasucesso.com.br/detudonobau>

Sites parceiros da Editora Sucesso:

Espaço Governança:

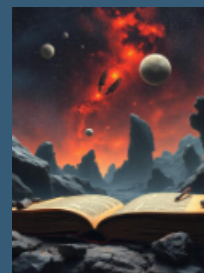
<http://www.espacogovernanca.com.br>

Selo Celeiro de Escritores:

<https://celeirodeescritores.org/>

Na próxima edição:

Ficção científica:
uma literatura menor?



As aves são dinossauros!

